CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
Praça Cons. Rodrigues Alves,48 - 2º andar - Tel.(0125)22-3674
ANO DE 1986

O COLÉGIO DE DONA PORCINHA

Pórcia Clementina de Castro Santos, a dona Porcinha, gozou da fama de uma das mais competentes educadoras de seu tempo, no Vale do Paraíba. Nessa região, na década de 1870 proliferavam os colégios particulares, geralmente internatos, tanto para rapazes como para moças. No "Almanaque da Provínvia de S.Paulo para 1873", de Antonio José Batista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, registram-se colégios em diversas cidades, e dois em Guaratinguetá, um masculino e outro feminino, e este era o "Santa Tereza", dirigido por Maria Teresa Meireles. O de Pórcia não é mencionado, pois julga-se que só viria a ser instalado em 1893, depois do falecimento, em janeiro, de seu irmão, o médico e senador Lycurgo de Castro Santos (1853-1893). Perdurou ele



até 1911. Além da instrução, as alunas, meninas e moças, recebiam lições de educação, de boas maneiras, de conversação. Neste particular, a diretora criou fama como educadora.

Pórcia Clementina nasceu em Guaratinguetá a 17-6-1856, quarta e última filha do primeiro guaratinguetaense a se formar em medicina, José Manuel de Castro Santos (1822-1874), e de Pórcia Francisca dos Santos Castro (1831-1921). Recebeu o nome da mãe e "Clementina" foi uma homenagem ao seu avô materno, o comendador e deputado, também guaratinguetaense, Antonio Clemente dos Santos. Muito instruído, José Manuel deu à filha sólida cultura geral e impôs-lhe um casamento que muito a contrariou. Ela tinha simpatia pelo jovem Sinhozinho de Melo, mas foi compelida a se casar aos 16 anos, em 1872, com o negociante português José Braga. Pouco durou o casamento. O casal foi para Lisboa e lá o marido morreu tuberculoso. Em princípios de 1876, com vinte anos, Pórcia regressou a Guaratinguetá. Jamais usou o nome do marido e quando indagavam de seu estado civil, respondia que era solteira... Na chácara do pai construiu um chalé, que sediou o colégio, e onde viveu com a mãe, já viúva. Depois de fechada a escola, teve a companhia de antigas alunas, as irmãs Antonieta e Betriz Machado, Leopoldina Morais, Ester Campos e Maria Carmen Rodrigues. Todas vieram a se casar, e apenas a última permaneceu até o falecimento de Pórcia, de bronco-pneumonia, na chácara à rua Castro Santos, a 25.1.1938. Está enterrada no mesmo túmulo de sua mãe, no cemitério Senhor dos Passos. Conhecida como senhora culta e competente educadora, a Prefeitura homenageou-a dando-lhe o nome de uma pequena rua que separou lotes da chácara Castro Santos. Na família, o seu apelido era Tiinha isto é, "tia pequena". Querida pelos três sobrinhos que ajudou a criar, Judith, Marieta e Lycurgo (29), filhos

go (1º do nome), também era estimada pelos sobrinhos-netos, que admiravam a sua cultura e a sua maestria como pianista.

O colégio de dona Porcinha - para escrever sobre esse colégio, o Autor, sobrinho-neto da Tiinha, baseou-se nas informações que obteve de três antigas alunas, Judith Limongi Lacaz, Jovita de Castro e Carmem Rodrigues Barbosa, estando já falecidas as duas primeiras. Judith Lacaz (1883-1976) foi aluna interna por um ano e nove meses, retirando-se com 18 anos incompletos, em 1901. Em 1974 recebeu o Autor e contou lhe o que sabia, aquilo que guardara na lembrança. Referiu que namorara Lycurgo 2º quando esteve no colégio. Encantadora senhora, que veio a se casar com Rogério Lacaz (1880-1951) e teve filhos, dois deles amigos do Autor, Carlos e Paulo, professores de medicina em São Paulo e no Rio de Janeiro, Jovita Adelaide Bastos de Castro (1890-1980) era filha do médico baiano Artur Antunes Chaves de Castro (1859 1923) radicado em Guaratinguetá e professor no colégio. Aos 7 anos, em 1899, atravessou a rua Castro Santos, onde residia em elegante chalé e entrou no chalé fronteiro, de Porcinha, como aluna interna. Era afilhada de batismo da diretora. Não se casou. Maria Carmem Rodrigues Barbosa (1901) entrou pequenina, morou com Porcinha até esta morrer, e casou-se com José Barbosa.

Localização - Segundo Judith Lacaz, o colégio teria sido instalado por primeiro na antiga casa de José Manuel de Castro Santos, cita na praça Conselheiro Rodrigues Alves, esquina com a rua Dr. Morais Filho. Ali residiu o médico até construir a casa da chácara à rua Castro Santos, em 1856. A da cidade ficou como consultório e é possível que Porcinha ali tivesse dado início ao colégio. Parte dessa casa, descaracterizada, ainda existe neste ano de 1986, onde hoje está a Ótica Santa Luzia. Foi vendida pelos sobrinhos após

a morte de Porcinha em 1938. Em seguida, segundo Judith Lacaz, o colégio passou a funcionar no chalé da chácara, após a morte de Lycurgo 1º, em 1893. Jovita e Carmem não se lembravam da localização na cidade, mas as três informantes concordaram em que nos últimos anos do século XIX ele localizava-se na casa construída por Porcinha. E o velho chalé, vizinho, passara a alojar alunas quando estas afluiam em maior número.

Internato - Sendo particular, a escola não era registrada, mas um Inspetor Escolar, do governo provincial, fiscalizava e responsabilizava-se por tudo. Muito considerada, a diretora jamais teve problemas com as autoridades. A média das matrículas oscilava entre 40 e 50, mas houve ano que chegou a 70. Em cada quarto dormiam 5 alunas em camas separadas e com urinol individual. O banheiro, de cimento, possuía pias de água corrente e chuveiro de água fria. Para banho quente havia duas grandes banheiras de folhas-de-flandes. O conteúdo dos urinóis era despejado na fossa sanitária situada em uma casinha no quintal (e antigamente ouvia se muito a expressão: "vou à casinha"...), serviço desempenhado pelas duas empregadas, Carlota e Laura, e pela Joana, uma meninota preta. Nhá Dora, que morreu com mais de cem anos, era a cozinheira. A alimentação era boa, a mesma da diretora, consistindo geralmente em arroz, feijão, bife, chuchu (ou mamão verde cozido). Doces, como de abóbora com coco, somente ao jantar. Eram feitos em casa, como também o vinho de laranja e até o sabão. Uma aluna de origem francesa, Germana Rufino, do Rio de Janeiro, pagava taxa extra para comer pão e tomar um cálice de vinho às refeições. As demais só tinham pão no café da manhã e no da tarde. Este era servido às 14 horas, o café já adoçado, e os pães com manteiga. A pretinha Joana gostava de carregar meninas às

costas, no recreio, e prestava-se a ir comprar um tostão de balas na taberna de "seu" Chico Cachola, ou, então puxa-puxa, que Nhá Dita, parteira, vendia. As alunas entravam em janeiro e saíam em dezembro. Pagavam, nos últimos anos, um conto e novecentos mil réis anuais. Nenzinha de Campos (1864 1934), uma senhora que auxiliava Porcinha, escriturava o livro-caixa (que sumiu), uma folha para cada aluna, onde eram anotadas as despesas. No final do ano, os pais vinham, olhavam a soma e pagavam sem se importarem com o troco. Apenas um deles exigia até vinte réis de troco. Era um juiz de direito, mineiro de Campanha, Francisco Carneiro Ribeiro da Luz. O jovem Henrique de Castro (ao depois médico), irmão de Jovita, revia as contas. O pai, Artur de Castro, era o médico do colégio, além de professor. Certa vez houve uma epidemia de sarampo, e a aluna Sinhaninha Guimarães quase morreu. "Seu" Idálio Máximo de Carvalho era o dentista. Todas as quartas-feiras atendia as alunas. Era uma despesa extraordinária, como o conserto de sapatos.

O regime do internato - Às 6 horas, levantar. Toalete. Pentear bem os cabelos e usar travessinha e fita para que os mesmo não caiam sobre os olhos, pois ficariam vesgas, como dizia Porcinha. Depois do café, aulas até 11 horas. Almoço e repouso, aulas das 13 às 17 horas, com intervalo para o café da tarde. Jantar às 18 horas. Recreio. Estudo até 21 horas. Aos sábados, o estudo da noite era substituído por jogos de salão e por um baile com música de piano ou de um realejo tocado a manivela (só possuia 4 músicas), presente do dr. Artur. O jovem Lycurgo 2º, quando não estava estudando no Rio de Janeiro, tocava o realejo, mas não podia dançar com as alunas. No baile, em cada sábado uma moça fazia o papel de dona da casa. Recebia as "visitas", que deviam também conversar em francês. Porcinha era a pianista.

A aluna novata passava oito dias em observação, estudada no modo de andar, de comer e no portar-se. Depois era corrigida. Todas recebiam lições de boas maneiras, de conversação, de como se portarem à mesa. Uma vez por ano havia exposição de trabalhos das alunas (desenhos, pinturas, bordados). Era uma festa, e compareciam convidados de todo o Vale do Paraíba. Havia prêmios para as mais aplicadas, uma boneca, um livro. De vez em quando todo o colégio ia ao teatro para assistir peças como "Damas das camélias". Porcinha caminhava atrás resmungando, pois ninguém devia olhar para os lados. E ao chamar a atenção, começava pela expressão: " com seiscentos diabos!". Passeios à Aparecida terminavam em visita a Augusto Monteiro ou em piquenique junto a um ribeirão. Todas a pé, menos Porcinha que ia de trole. Por vezes jantavam em casa das Arantes, em Guaratinguetá, sendo recebidas por Sinhá, Zinota, Iaiá, Aparecida e Idalina Arantes. A mãe delas já estava viúva. Também iam às corridas de cavalos no Derbi Clube do Pedregulho. Por ocasião das festas juninas acendia-se a fogueira e fogos eram distribuídos para as meninas soltarem. Porcinha era festeira da festa de Santa Cruz, no Campo do Galvão, quando recebia no colégio a banda e os maiores, servindo-lhes bolos, queijo e café com leite. Sem talheres, porque na primeira vez os mesmos foram roubados...

A instrução - o dr. Artur de Castro era o principal professor. Três vezes por semana lecionava história, geografia, aritmética, astronomia, desenho e pintura. Nada recebia em pagamento. Era amigo dos Castro Santos. Porcinha encarregava se do português e do francês, às terças e quintas-feiras, e piano superior (adiantado), aos sábados pela manhã. Nenzinha ensinava costura, bordados e desenho para principiantes. Marieta, sobrinha de Porcinha, apelidada Leca, dava aulas de piano para principiantes e catecismo. nas sextas-feiras, à

noite. Os compêndios eram os adotados no Ginásio do Estado, em São Paulo, como: "Método racional e rápido para aprender a ler sem soletrar", de João Kopke; "Aritmética Progressiva", de Antônio Trajano; "Método de Berlitz" para francês e inglês; "Método de F. Ahn", para francês; "Seleta francesa"; um livro para leitura de letras manuscritas; "Pequena história do Brasil por perguntas e respostas",de Joaquim Maria de Lecerda; "Elementos de geografia física, política e astronômica", por Joaquim Maria de Lacerda;"Corografia do Brasil", de Horácio J. Scrosoppi;"Gramática", de Miguel Alves Feitosa.

Porcinha era enérgica, dava aulas aos gritos, sentada na rede e com as pernas cruzadas dentro da rede. Ela era baixa e gorda, pele branca, fisionomia severa,cabelos claros e finos, olhos vivos, perscrutadores. Ao conversar, não tirava os olhos do interlocutor. Sabia que não era bonita, e por isso caprichava no vestir e na postura sempre elegante.

Ao ensinar piano, usava uma varinha envernizada para marcar o compasso e bater nos dedos das alunas que erravam. Havia castigos, próprios da época, e hoje tidos como anti-pedagógicos: quem falasse no quarto à noite, ia de camisola tocar piano por uma hora; menina que fizesse xixi na cama, tinha o seu colchão exposto na sala de jantar.Em tempos recuados, usou-se a palmatória para bolos nas mãos. Três alunas foram convidadas a deixar o colégio: Nenê Figueiredo, Mariquinha Toledo e Presciliana Marcondes. Estas duas, por insubordinação, e a primeira por que não queria mais estudar, jogou os livros na fossa sanitária...

Judith Lacaz, Jovita de Castro e Carmem Rodrigues,além das alunas já nomeadas, citaram muitas outras que, em diversas épocas, estudaram no colégio de dona Porcinha. Me-

ninas e moças que não obstante a braveza da diretora, sempre a admiraram e a ela se referiam com simpatia e gratidão pelos ensinamentos recebidos. Ei-las: Rosa Marcondes (filha de Urias Marcondes); Doninha, Eponina Marcondes; as irmãs de Lorena, filhas de Durvalina Machado Coelho e sobrinhas netas do conde de Moreira Lima, Mariúcha,Eugeninha e Sinhana; as filhas de oficiais paraguaios, Carminha, Eudóxia e Fantina; Áurea Mondim, Juventina, Zulmira e Judith Teixeira; Nicota Barbosa, Alice Vilela, Hemínia Rabelo,Santinha Marcondes, Mariquinha Marcondes, Carminha Marcondes, Marieta França, Nina Cardoso, Maria Angelina Carvalho, Isa Castro, Aurora Monteiro Santos, Sofia Monteiro Santos, Maria das Dores Novais, Luzia Novais Garcez, Sinhaninhae Maria Antonieta Guimarães, Clotilde Antunes (filha de Alfredo Antunes), Firmina Godoi, Albertina Pinto, Mariquinha Antunes, Joaquina Oliveira Antunes, Marianinha e Zeferina Barbosa, Ana Fleury da Silveira, Cotinha Silveira, Loló Ottoni Mesquita (filha do dr. Homero Ottoni), Sinhaninha Veloso, Paulina Cavalheiro, Almecí Godói e Firmina Godói, Juracy Oliveira (de Bananal), as irmãs mineiras, Dulce,Lavinia e Edith Ribeiro da Luz; Judity e Maria dos Santos Pinto,Filhinha Alvarenga, Oraide Paiva, Maria de Lourdes e Maria José, Chicá e Sinhá...

Lycurgo de Castro Santos Filho

Nota do Museu Frei Galvão:-
No desenho, a rua Castro Santos, onde funcionou o Colégio de D. Porcinha.